

A ausente

Há vários motivos para não amar uma pessoa, e apenas um para amá-la: este prevalece.
(Carlos Drummond de Andrade)

Em uma entrevista concedida a um periódico de grande circulação Elsa Zylberstein, uma das atrizes do filme *Il y a longtemps que je t'aime*, do cineasta e escritor Philippe Claudel (França/Alemanha, 2008), define a relação entre as personagens centrais da trama afirmando que se trata, para estas, de estar “junto, mas separado: isso é real”, diz ela.

Apesar de parecer tão simples, essa atitude é rara. Implica em acolher o outro em sua radical alteridade. É o que se coloca para as irmãs Juliette (Kristin Scott Thomas, em atuação soberba) e Leah (Elsa Zylberstein), afastadas por um tempo excessivamente longo, sobretudo por um silêncio brutal e árduo em contornar. Trata-se, para ambas, de aceitar, ainda que não seja possível compreender.

Juliette Fontaine cometeu um crime inominável, em virtude do qual se tornara uma espécie de pária, tendo sido banida da palavra do outro, único domicílio possível – ainda que em exílio – para o sujeito humano. Vive uma vida privada de memória, movendo-se em um cotidiano carente de sentido, sem que possa vislumbrar alguma possibilidade de futuro. Mas é justamente isso o que está em jogo, (re)construir uma vida para si ali mesmo onde a vida desertou, sendo apenas uma sucessão de dias sem cor ou propósito. “Para quê?”, parece ser a pergunta não formulada que nubla o semblante da tristemente bela Juliette.

Reservada, apática, alheia, Juliette observa o mundo à sua volta como se dele não fizesse parte. Na prisão, era conhecida como “a ausente”. Cumprida a longa pena a que fora condenada, é temporariamente abrigada por sua irmã mais moça, professora universitária na cidade de Nancy. Sobre Juliette nada se sabe; é uma mulher de poucas palavras. Paulatinamente, começa a se reinserir no laço social através de Leah e sua família, passando também a frequentar o seu círculo de amizades. Não obstante, mantém-se à parte, como se ainda estivesse no cárcere - agora privado -, encerrada em si mesma.

Certa noite, em um fim de semana no campo, os amigos reúnem-se à mesa, onde conversam alegremente, ligeiramente inebriados pelo vinho. É uma cena tipicamente francesa: a conversação em torno de um saboroso *repas*. O anfitrião, fascinado pela presença ativa e distante de Juliette, quer saber sobre o seu passado envolto em mistério. Insiste que ela o

desvende, dizendo onde estivera nos anos anteriores, reaparecendo subitamente e sem maiores explicações.

Constrangida, Juliette deixa escapar a verdade e, como na canção, a verdade é o seu dom de iludir, uma vez que é semi-dizer. Como no chiste judaico comentado por Sigmund Freud¹ - Você me diz que vai a Cracóvia, para que eu pense que vai a Lemberg, quando na verdade vai a Cracóvia -, Juliette engana por meio da verdade. Ao confessar, publicamente e pela primeira vez, ter passado os últimos quinze anos na cadeia, vela novamente seu passado escondendo-se, mais uma vez, através dessa tão inesperada quanto desconcertante re-velação.

Todos riem, pensando tratar-se de uma *blague*. Apenas Michel a escuta, de fato. Ao contrário dos demais convivas, mais preocupados em divertir-se com o jogo de gato e rato, Michel quer saber sobre Juliette, a mulher reticente. Aproxima-se dela, de fato. Juliette fala de si, de sua história, dos anos passados na prisão. Em seu isolamento não há mistério, mas desolação e aridez. Ela habita o deserto, o desterro. Sua sina, provação.

Michel não julga Juliette. Justamente porque não visa compreender - sem condená-la ou absolvê-la -, efetivamente a escuta. Acolhe sua insuportável confissão. “Escutar”, afirma Lacan, “não me força a compreender. (...) Naquilo que ouço, sem dúvida, nada a tenho a replicar, se nada compreendo disso ou se, ao compreender algo, tenho certeza de estar enganado.” A compreensão é, portanto, um engodo que nos leva a crer que sabemos quem é o outro, e o que ele nos diz - o que nos conduz, inevitavelmente, a desconhecê-lo de forma a mais radical.

Leah - em uma interpretação plena de sutilezas por parte de Elsa Zylberstein - tampouco cai na armadilha de tentar salvar a irmã mais velha de sua própria história. Suporta a presença amarga de Juliette, sua dor surda, sua incomunicabilidade tenaz, seu rancor por ter sido brutalmente apagada da história familiar, sua maneira um tanto fria e *maladroite* de estar junto a ela. Se assim o faz, é em nome do laço que a une à irmã, tecido em outro tempo, distante e indestrutível, aquele da memória de uma infância e juventude compartilhadas.

Mas, chegado o momento, Leah interpela a irmã por tê-la deixado à parte de sua vida. Juliette, como um vulcão até então adormecido, explode em raiva e dor e, pela primeira vez, fala do crime que cometera, em relação ao qual não procurara se defender. Havia tomado uma decisão e arcara com as consequências. Fora um gesto acertado, justo ou, ao invés, egoísta e inaceitável? Pouco importa: o que foi feito, está feito, não é possível voltar atrás. “Explicar”,

¹ FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (Salomão, M., trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1977[1905], p.136.

ela diz a Léa, “já é um modo encontrar justificativas”. Toda justificativa é, em si mesma, vã - Juliette não o desconhece.

Embora não nos caiba privar o outro do próprio destino tentando inutilmente minorar sua dor de existir, ainda assim é possível estar ao seu lado, acompanhar suas hesitações, seus tropeços, suas tentativas nem sempre bem sucedidas de erguer-se sobre os próprios pés e caminhar. Assim, se efetivamente renunciamos a querer curá-lo da vida que é a sua - quanta pretensão! -, em uma baldada tentativa de aplacar a nossa própria aflição, então ele será, de fato, outro para nós, nosso próximo tão dessemelhante.

Conforme a epígrafe de Drummond, não amamos alguém por suas qualidades ou méritos, mas porque esta é a nossa escolha. E, por nossas escolhas, somos os únicos responsáveis. Logo, amar já não exige compreensão ou tolerância; no limite, nem mesmo perdão. Basta reconhecer que o outro é, de fato, Outro – portanto, nada sabemos a seu respeito. Trata-se, por conseguinte, de um amor que não visa à completude, ao Um; ao contrário, descompassado, permite que se cave um vazio, que o desejo virá apenas contornar sem, no entanto, preencher.

Eros é filho de Poros (recursos), mas também de Pênia (penúria). Assim, é dela - de nossa penúria constitutiva - que partimos, é isso que compartilhamos, sendo suficiente amar sem expectativas. Eis o que sabemos da estória dessas duas irmãs, tão distantes e, ao mesmo tempo, tão próximas uma da outra. Juntas, mas radicalmente separadas.

Viver é sem redenção. Resta a possibilidade, a cada dia reinventada, de dizer ‘sim’ ao *duro desejo de durar*¹. Este parece ser o passo dado por Juliette quando, em resposta ao chamado de Michel, finalmente pode dizer: “Estou aqui”, isto é, “Presente!”.

É isso o que faz (d)a vida, real.

¹ Paul Éluard (1946). *Le dur désir de durer*.